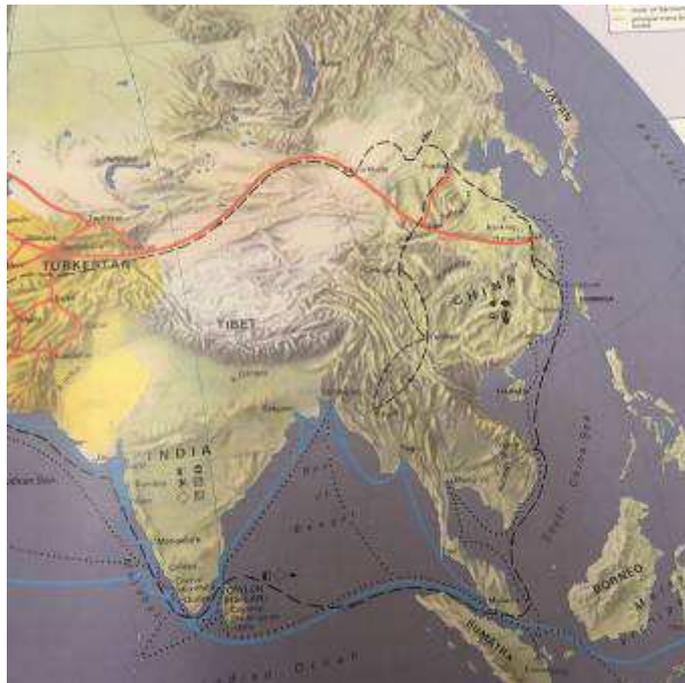


Onde era a Taprobana?

Luiz Celso Mattosinho França



Mapa do sudoeste da Ásia e rotas de comércio no Século XVI

As armas e os barões assinalados
Que, da Ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca dantes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,

Na primeira estrofe de *Os Lusíadas*, de Camões, tropeçamos com um toponímico inusitado, Taprobana. Real ou mítico, licença poética ou realidade? Na geografia de Ptolomeu, tratava-se de ilha no lago Índico. Na atualidade, Ceilão ou Sri Lanka. Não tendo os portugueses a menor noção da geografia do Oceano Índico, como veio a participar do poema épico?

Os barões assinalados, no século XV, descobriram e se apossaram das ilhas Atlânticas das Canárias, Madeira e Cabo Verde, mas empacaram no Cabo do Medo, ou Bojador, onde o Saara encontra-se com o Oceano, gerando baixios intransponíveis, cemitério de navios, que deram origem aos versos de Fernando Pessoa “ó mar salgado, quanto de teu sal são lágrimas de Portugal”. O genial navegador Gil Eanes inventou a Volta do Mar, manobra náutica de afastar-se da costa para o Oeste, e daí para o Sul, deixando para trás o Bojador, e abrindo o Atlântico Sul para os nossos antepassados, bem como de sobra descobrindo o Brasil. Nesse caminho, Bartolomeu Dias atingiu o Cabo das Tormentas, renomeado da Boa Esperança, ao atingir o lado de lá da África. De Moçambique e portos árabes da costa oriental, inteiraram-se das

correntes de ventos das monções, de verão e inverno. Com o auxílio dos pilotos práticos árabes, cruzaram os mares abertos do Índico, aportando na costa Ocidental da Índia. Não pararam aí, entretanto. No afã de propagar a fé e dilatar o império, e mais uma vez com o auxílio de pilotos árabes, conhecedores da geografia, deram a volta no Sul da Índia, e à nossa Taprobana, dirigindo-se para o Leste, à boca do perigosíssimo estreito de Malacca, entre a península Malaia e a ilha da Sumatra, onde está hoje Singapura, porta aberta para o Mar da China e para os Japans. Não sem oposição, visto que a poderosa marinha regionalizada da China, formada por gigantescos navios de palha trançada, os juncos, que deram origem à expressão náutica inglesa “junk”, querendo dizer lixo. As feitorias portuguesas, postos de comércio, transformaram-se em possessões ultramarinas, incluindo-se Goa, Malacca, Timor Leste e Macau, às quais somando-se Moçambique, Angola, Cabo Verde e Guiné-Bissau, formaram o império d’além-mar.

Mar Português

Fernando Pessoa

Ó mar salgado, quanto de teu sal
São lágrimas de Portugal?
Por te cruzarmos, quantas mães choraram
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

Luiz Celso Mattosinho França

Membro Emérito da Academia de Medicina de São Paulo